

Na penúria, improvisar é a saída

Consertar fogões, comprar, vender e trocar. Este é o meio de vida, em Ceilândia, de muita gente como Otávio Alves Pereira, que há dez anos veio do Maranhão, "de Zé Doca, adiante de Santa Inês, na BR-316", em busca de melhores dias e hoje consegue movimentar um ou dois fogões por semana, o que dá um faturamento bruto semanal de no máximo NCz\$ 240,00.

Apesar da penúria em que vive, dividindo com outras quatro famílias um lote de 250 metros quadrados, alugado por NCz\$ 150 mensais, acha Brasília melhor do que o Nordeste e sonha com um terreno do GDF.

Por enquanto, vai vivendo ali e ainda encontra motivo de orgulho: "Sou eu quem governa aqui o lote do rapaz", diz, referindo-se à sua condição de inquilino principal, responsável pela coleta do dinheiro do aluguel e das contas de água e luz (NCz\$ 244 em outubro), rateadas de acordo com o número de pessoas e os parques eletrodomésticos de cada família.

"Quem tem rádio paga mais", explica, para em seguida se lançar, com dificuldade, a outra operação. Depois de muitas contas e muita discordância, ele e os vizinhos finalmente chegam a um resultado: eram sete famílias, mais de 30 pessoas. Agora, são cinco, com 17 pessoas ao todo, mais um casal e um filho que deixaram o quarto alugado e foram para o Mato Grosso, tentar a sorte no garimpo.

Drogas

É talvez esta situação de penúria, de desespero, de escassez de esperanças que faz o povo de Ceilândia tão religioso e arrasta homens e mulheres para botecos onde, segundo o delegado Ângelo Neto "uma bebedeira ou uma briga por cerveja às vezes terminam em morte". "São as pessoas mais simples, mais humildes, que se voltam mais para a religião. Ninguém vai ao médico quando está bem de saúde. As pessoas vão à Igreja porque precisam de paz espiritual e até de ajuda financeira ou de alimentos



Placas anunciam pequenos serviços que ajudam a sobrevivência

que nós coletamos para doar", diz o pastor adventista Leandro Alves de Brito, que há um ano trocou São Paulo por Ceilândia.

A própria área onde fica a igreja de Brito é bem característica da satélite. Ao longo dos sete quilômetros da via MN-3, que se estende do P-Sul ao Setor O, há 13 templos, alguns com nomes estranhos como Igreja Evangélica Menonita ou

Igreja Batista Regular do Calvário, 20 campos de futebol, duas quadras e nada menos de 80 bares e botecoquins. Ao todo, são mais de 400 igrejas, 80 campos de futebol, além dos 25 de futebol de salão e vôlei, nas 76 quadras da Ceilândia. Ou seja: mais de cinco templos e um campo de futebol por quadra. O campeonato de futebol amador é disputado por 118 equipes — mais de uma por quadra, também. (MC)